Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Cidades São Aldeias Mortas?: As Midiatizações Culturais de Abya Yala no Exemplo pra Adiar Fim dos Mundos[1]

Are Cities Dead Villages?: Cultural Midiatizations from Abya Yala on 'Exemplo' to Postpone the End of The Worlds

João Augusto Rodriguez Quintino[2]

Resumo: Analisamos a perspectiva antropocêntrica do cisheteropatriarcado supremacista branco, capitalista e imperialista a partir do rap EXEMPLO. Para além da denúncia, oferecemos as transmetodologias midiatizadoras que combinam cosmopercepções à valorização dos rituais originários que nos presenteiam com ar e vida na Terra. Concluimos que as linguagens audiovisuais e as línguas contra-hegemônicas no coração de nossos hábitos oferecem a retomada das culturas, interreligiosidades e plurinacionalidades que formam e transformam nossas comunhões pelo direito de viver em paz.

Palavras-chave: Exemplo; Rap; Indígena.

Abstract: We analyze the anthropocentric perspective of the white supremacist, capitalist and imperialist cisheteropatriarchy based on EXEMPLO rap. In addition to the denunciation, we offer media transmethodologies that combine cosmoperceptions with the appreciation of the original rituals that provide us with air and life on Earth. We conclude that audiovisual languages and counter-hegemonic languages in the heart of our habits offer the resumption of cultures, interreligiosities and plurinationalities that form and transform our communions for the right to live in peace.

Keywords: Exemplo; Rap; Indigenous.

[1] Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 33002010096P7. This study was finaced in part by Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Code 33002010096P7

[2] Racializado branco, está *mestrandy* pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (ECA-USP), com orientações de Profe. Dra. Cláudia Lago e grupo de pesquisa AlterGen. Trabalha com o rap na Linha 3 Comunicação Interfaces e Institucionalidades. (juao.k@usp.br)

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

1. Introduções

Sintonizando os hábitos do coração com o ritmo da Terra (KRENAK, 2022, p. 91-118; hooks, 2022, p. 266-78), os beats de FeijãoBeats, a poesia do rap em wescritor kaysara Tupinambá e a voz anciã de Ailton Krenak, o videoclipe EXEMPLO é uma das obras mais importantes para a Consciência Indígena na segunda década do século XXI. Destacamos, também, a demarcação interseccional Tybyra[3], que abrange a bandeira LGBT+ aos povos indígenas e originários (POTIGUARA, 2023, p. 44).

O rap como movimento de retomada de ritmos e poesias (FURTADO; CORRÊA, 2018), nos apresenta a poética de sentir as Árvores e Rios dos territórios urbanos, de ouvir, escutar e perceber os códigos presentes na arquitetura dos espaços públicos. Em EXEMPLO, é a ocupação da poética originária, "flecha que foi disparada" (EXEMPLO, 2019) nos movimentos, danças, retomadas e pertencimentos em lugares de origem imaterial da memória e consciência (KRENAK; CAMPOS, 2022, p. 63-89), mesmo no cimento, apresentando esperançares diversos.

São perspectivas plurais de territorialidades infocomunicacionais (MIÈGE, 2018, p. 50) por justiça climática (BRIANEZI; VIANA, 2023) a respeito de transmetodologias interseccionais (LAGO; MARTINS; NONATO, 2019), tecnodiversas, interreligiosas, interculturais e plurinacionais (CARVAJAL, 2020a).

Para além do latim, são as identidades originárias ladino-amefricanas (GONZALEZ, 2020, p. 127-57) que também nos ensinaram e ensinam a "aprender a aprender" (EXEMPLO, 2019) que a Natureza é tecnologia (MIÈGE, 2018, p. 44), e inclusive, sustenta o que chamamos de técnica, pela flecha do cosmos (KRENAK, 2021, p. 70-83; MIÈGE, 2018, p. 15; KRENAK, 2022, p. 71).

[3] Tybyra foi um martírio Tupynambá, condenado por colonizadores holandeses e franceses à morte em São Luiz do Maranhão. Foi o primeiro caso registrado de LGBTQ+fobia contra um corpo não-branco em Pindorama (Brasil). Sua história foi contada por Juão Nÿn Potyguara (NŸN, 2020; NŸN, 2023), que também performa no clipe 'Exemplo' de wescritor. "Firmo Tybyra" (ANDARILHA DO TEMPO, 2024) é referência de raps em Caboclo do Asfalto (LADRÃOZINHO, 2022).

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Tanto a música quanto o clipe afrontam as lógicas predatórias do antropoceno, propondo rupturas epistemológicas (CARVAJAL, 2020b; SODRÉ, 2023), que na midiatização contra-hegemônica da música, ressignifica o rap como oportunidade de retomar imaginários e ancestralidades originárias - porque lutam contra o suicídio coletivo antropocêntrico perpetrado pelo cisheteropatriarcado supremacista branco, capitalista e imperialista (hooks, 2021, p. 73-84; hooks, 2022, p. 101-15).

> Para nós, é o aprofundamento da compreensão, de maneira a não desqualificar a Natureza nem o homem em função de um conhecimento quantitativista e nomotético. Dentro de um paradigma emergente, é imperativo superar a clássica dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais, abolir ou relativizar as fortemente as fronteiras disciplinares e instaurar a situação comunicativa ou interativa entre os saberes, com vistas a um conhecimento ao mesmo tempo global e local. A proposta de comunicação como uma ciência do comum significa a produção de saber com sabedoria, fala com diálogo, ação com pausa e reflexão: um campo de sentido transitivo, reconhecível pelo Outro. Muito longe de ser um apêndice epistemológico das ciências sociais novecentistas, a comunicação implica uma ruptura paradigmática, um novo campo expansivo, em que o objeto do conhecimento se desloca da abstração do sujeito epistêmico para o sujeito empírico que, por sua vez, não é o soberano do antropoceno, mas o parceiro concreto de Terra e de máquinas (SODRÉ, 2023, p. 27).

Nesse tear, pensamos como adiar o fim de vários mundos em um prisma global de interdependência transcontinental, sem romantizar nossas dores.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

2. Transmetodologias Midiatizadoras

Ao consultar Exu "divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada, e, portanto, da interseccionalidade, que responde como a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente" (AKOTIRENE, 2019, p. 20), retomamos sabenças vivas da ancestralidade (TUPINAMBÁ, 2021, p. 114-33). Precisamos reconhecer a resistência anti-racista e contra a escravização que povos indígenas de Abya Yala resistiram e resistem, "flecheira potente [...] de manto e capuz" (E X U C I G A N O T U P I, 2024).

Ouvindo e olhando 'Exemplo', com o coração no ritmo do pé na Terra (KRENAK, 2022, p. 91-118), notamos como é possível descolonizar criando e retomando alianças com nossas *ancestras* (ABYA YALA, 2023). No clipe, são marcantes a documentações das presenças das placas com nomes indígenas "Rua Pindorama", "Rua Tupy", "Rua dos Goytacazes", bem como a ocupação artística (presenças do cantor Edivan Fulni-Ô, o músico Nelson D e perfomer Juão Nÿn) ao redor de estátuas símbolo de colonização. Também notamos a descolonização no entorno das escadarias do Theatro Municipal, estabelecendo pontes do litoral paulista até o centro paulistano tanto como no incentivo às alianças antirracistas com o movimento negro. Futuro se faz com histórias com povos dentro (THAMANI, 2020; KRENAK, 2022; EPISTEMOLOGIA O FUTURO É ANCESTRAL, 2022).

São, portanto, transmetodologias como rota de fuga ao quilombo guardião da palavra (NASCIMENTO, 2023), cuja intersecção territorial abarca a língua da dança e dos cantos tradicionais, "eu soul Tupynambá, eu soul de Aruanda, eu soul", que resistem ao "local de consumo dos branco" (EXEMPLO, 2019). wescritor também cita uma passagem do rapper paulistano Emicida em 'Passarinhos'[4], e nos lembra que cimentos que trazem a pandemia não prosperam, enquanto as culturas originárias continua dando um baile nos racistas (GONZALEZ, 2020, p. 50-188). Essa confluência

[4] Emicida canta a visão em pretuguês: "Cidades são aldeias mortas/ Desafio, não sei se/ Competição em vão, que ninguém vence/ Pense num formigueiro, vai mal/ Quando pessoas viram coisas, cabeças viram degrau/ No pé que as *coisa vão*, jão/ Doidera, daqui a *poco*, resta madeira nem *pros caixão*" (GONZALEZ, 2020, p. 90; PASSARINHOS, 2015).

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

e escrevivências de campos (CONFLUÊNCIAS E ESCREVIVÊNCIAS, 2023), mais que rimas, se efetiva entre biomas, na constituição do corpo-território e da territorialidade, ouvir as Kunhãs (XAKRIABÁ, 2020; BANIWA; KAINGANG; MANDULÃO, 2023; KAMBEBA, 2023; POTIGUARA, 2019, p. 32-4; QUEBRA NO KOTOBA, 2021).

Lembramos da importância dessas caminhadas para questionar a hegemonia etnocêntrica e identitária importada de midiatizações aantropocêntricas contidas na lógica da branquitude eurocêntrica. É relevante, pois, propor a comunicação livre, prévia e informada como habitus (RATIER, 2018, p. 144-8), com o protagonismo artístico dos povos originários, responsáveis por sustentar a vida em territórios cimentados e/ou não – vivemos a emergência climática (ATL, 2023).

> As Terras Indígena são as áreas mais ambientalmente conservadas do País, formando ilhas de floresta em meio ao desmatamento desenfreado em todas as regiões brasileiras. Elas são responsáveis por serviços ambientais essenciais à sociedade e à economia, como a regulação climática, o regime de chuvas, a manutenção dos mananciais de água, o controle de pragas e doenças e a polinização [...] Os serviços ambientais prestados pelos povos indígenas com a conservação das vegetações nativas têm consequências diretas no regime de chuvas, que é um fator essencial para a manutenção da capacidade produtiva do país, de modo que a ausência de demarcação de Terras Indígenas traz como consequência a potencialidade de aceleração das mudanças climáticas, pondo em risco todos os brasileiros. Segundo o IPAM "A média de evapotranspiração das áreas ancestralmente ocupadas pelos indígenas para a Amazônia Legal é 9% maior quando comparadas com as áreas não protegidas. A perda dos direitos territoriais, portanto, poderia reduzir drasticamente a umidade e as chuvas na região." (INFORME LEGISLATIVO, 2024, p. 1-4).

Tal poética de retomada parte de muitos rituais cosmotécnicos (TUPINAMBÁ, 2021, p. 150; RITUAL, 2019), que concebem as (re)existências tecno-lógica para além da programação binária do Ocidente que 'criou' o Oriente com sua ideia de iluminação (HUI, 2020, p. 42-54). Portanto, "parente fique viva, como disse Brisa" (TUPINAMBÁ NA BAIXADA SANTISTA, 2022), porque, no aquilombamento urbano do rap, "pra se amar na guerra tem que ter coragem" (DENTRO DOS SEUS OLHOS, 2022).

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

3. Danças Ancestrais

Lançado em 30 de novembro de 2020 como parte do EP Comunicação, o rapper Tupinambá kaysara wescritor, dos trânsitos do litoral paulista da Aldeia Ytapuã à Olivença, nos brinda com diversos elementos de retomada. O artista compõe o território de maturidade interreligiosa budista (CONVOQUE SEU BUDA, 2011; DHARMA, 2019), junto da poesia artística das culturas Tupynambá (TUPINAMBÁ, 2021), na incorporação do pensar Nagô de ruptura paradigmática na comunicação (SODRÉ, 2024), e na composição de rituais de ouvir os mais velhos e ocupar os espaços públicos nas danças (MOVIMENTA, 2024) e nas cantorias dos povos originários (CARVAJAL, 2020b, p. 74-7), guardiões das palavras da Floresta, do quilombismo e do Orí (NASCIMENTO, 2023; ORÍ, 1989).

Ao estabelecermos conexões com o norte, é Yanomami convocando *Xapiri pë*[5] no bioma Amazônia (lar de muitos Tupynambá no Tapajós). Ao sul estadunidense, lembramos da história de Sioux – *nos território* que batizaram de América, um nome eurocêntrico.

> Wovoka, membro dos Paiute, espalhou a mensagem de que os mortos viriam se fossem convocados por espíritos dançantes, trazendo com eles o búfalo, e tudo o que foi perdido seria recuperado. Quando os Sioux começaram a dançar, em 1890, agentes brancos do governo reagiram com histeria, telegrafando mensagens desesperadas para o encarregado de Assuntos Indígenas: "Os índios estão dançando na neve e estão selvagens e loucos. Informo a vocês que os empregados e a propriedade do governo nesta agência não têm proteção e estão à mercê desses dançarinos". Deve ter sido realmente chocante para os brancos racistas que, depois de passar por um grave ataque genocida, rituais característicos pudessem ser usados para despertar um espírito de resistência em um povo arrasado e devastado. Mesmo quando muito fora perdido, os indígenas, assim como os afro-americanos, se apegaram a visões redentoras que sustentavam a vida (hooks, 2019, p. 219).

[5] No xamanismo Yanomami, homens se associam o pó *Yãkoana* "para fazer dançar os espíritos como o faziam nossos antepassados" (KOPENAWA, ALBERT, 2023, p. 117). Recentemente, a Acadêmicos do Salgueiro trouxe parte do ritual de fazer os espíritos *Xapiri pë* dançarem junto aos xamãs que suspendem a queda do céu no contexto do desfile Hutukara, das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro em 2024.

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

É necessário repensar nessa semiose do Bem Viver (BRIANEZI; VIANA, 2023, p. 106-9) como *práxis* cultural indigenizada (XAKRIABÁ, 2020, p. 111-7), para além de urbanizada. É uma proposta de romper o asfalto e nos reflorestar por dentro (KRENAK, 2022, p. 90; POTIGUARA, 2023, p. 78). Por isso: "eu *soul* a continuidade daqueles que nunca viveram em vão" (EXEMPLO, 2019).

Com efeito do audiovisual em transformação da indigência (VERÓN, 2017, p. 17), desestufamos o espaço tempo por *Warmikuti,* Tempo das Mulheres, Tempo da Terra (CARVAJAL, 2020, p. 35-49), estabelecendo temporalidades que questionam a noção de que a escrita é a única forma de revolução intelectual na história dos ditos *sapiens*, bem como o racismo que tenta cancelar identidades e consciências indígenas em detrimento da conectividade urbana, sem notar que a ancestralidade acompanha a tecnologia, e é amplificada pelo cultivo em distintas cosmopercepções e bancadas (FULKAXÓ, 2023, p. 12-43).

Lembramos de transmetodologias (ALMEIDA; TORRE, 2020, p. 97) das ideias, onde temos a missão de deixar uma encomenda para as novas gerações (KRENAK, 2019, p. 33), e que não queremos que elas herdem o apocalipse do espaço-tempo tóxico de desamor (MOROZOV, 2018, p. 25-60) de milicianismo digital e cancelador que se diz *homo*.

Precisamos pensar, na comunicação, os caminhos para diminuir o sofrimento no(s) mundo(s), considerando que o especismo é parte da racionalidade que nos empurra pra auto-destruição letrada (HARARI, 2018, p. 271-7). Sendo, assim, retomamos a centralidade da midiatização oral, ancestral presente de forma milenar na engenharia imaterial das maiores florestas tropicais do mundo:

> A linguagem oral, em uma comunidade humana antes do surgimento da escrita, torna possível as alterações imaginárias do espaço e tempo, mesmo que fugazes, frágeis e sem persistência material: por exemplo, um adulto explicando a um grupo de crianças, em uma sociedade iletrada, como se comportar durante a cerimônia ritual que acontecerá no dia seguinte. Podemos considerar este tipo de situação como implicando uma distorção imaginária do tempo e espaço. Fenômenos

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

> midiáticos materializam as distorções e produzem as rupturas do espaço-tempo (VERON, 2014, p. 18).

4. Considerações

"Originários se mantém com a fé nos cantos" (EXEMPLO, 2019). Ouvindo os passáros que percorrem Rios e Cachoeiras com as midiatizações ancestrais (KRENAK, 2023), nos inspiramos a partir de olhares críticos das representações midiáticas antropocêntricas (hooks, 2019; KRENAK, 2019). Como exposto do rap, questionamos o simbolismo metropolitano que concebe a midiatização como marco histórico instalado no 'avanço' das cidades (TRINDADE, 2019, p. 61).

> Na Floresta não há [...] substituição da vida, ela flui, e você, no fluxo, sente a sua pressão. Isso que chamam de Natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de 'eu sou a Natureza', a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o Rio, a Floresta, o Vento, as Nuvens são nosso espelho na vida. Eu tenho uma alegria muito grande de experimentar essa sensação e fico procurando comunicá-la, mas também respeito o fato de que cada um tem a sua passagem por este mundo (KRENAK, 2021, p. 100).

Portanto, o rap (EXEMPLO, 2019) nos convoca a caminhos a partir da etnicidade plural (GONZALEZ, 2020, p. 25-77), retomando a valorização das culturas indígenas em Abya Yala e África que pariram a resistência contra-hegemônica (TRINDADE, 2019, p. 58) e continuam vivas, resistindo no cimento, no concreto, no asfalto e para além deles, pelo *habitus* do coração.

Uma vez que "não importa a cor se for podre por dentro" (EXEMPLO, 2019), acentuamos a importância do diálogo interseccional, interreligioso e plurinacional nas corporalidades (LAGO; MARTINS; NONATO, 2019, p. 57-9), que valoriza as performances culturais baseadas na resistência da linguagem do território que questiona as representações do cisheteropatriarcado supremacista branco, capitalista e imperialista. São os hábitos do coração, que estabelecem comunicações plurais,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

responsáveis, potáveis e de quilombagem (OLIVEIRA, 2021, p. 158-68) com linguagem de quebrada (QUEBRA NO KOTOBA, 2021).

Para Potyguara, Consciência Indígena:

> É importante não permitir que o inimigo interno da mente e da alma seja mais forte que nossos amigos psíquicos: intuição, espiritualidade, compaixão, amor, solidariedade, autoestima, força, coragem, fé, alegria. O inimigo interno é cultural e aparece em nossas vidas para levar-nos ao fundo do poço ou deixar nossa autoestima nos porões. Catemos nossos ossos e cantemos para o resgate de nossa força espiritual todos os dias. Elevemos nossas mentes e corações à Mãe Terra [...] Os originários étnicos do planeta, com suas tecnologias, sobrevivem até hoje, apesar do genocídio implantado [...] [Racistas] tratavam os povos tradicionais, originários, como mulas e sem alma. Não tínhamos as armas. Tínhamos a sabedoria dos ancestrais. E essa força nos acompanhou até os dias atuais. [...] A força ancestral é o manancial imensurável de vida (POTIGUARA, 2023, p. 86-94).

"Respeite os ensinamentos dos teus ancestrais" (ANCESTRAIS, 2019). Com nossas *ancestras*, também, apesar do maniqueísmo e do desterro que tentam nos enfraquecer epistemologicamente, a cabeça da consciência não se perde justamente por não depender só da escrita (CABEÇA DE NEGO, 2018; ORÍ, 1989).

Repensar que as Florestas ainda resistem no grafismo do jenipapo, do urucum e do barro, para além dos aldeamentos oriundos da invasão, é amansar o giz e cultivar imaginários letrados que esperançam, e agem milenarmente por dias melhores, mesmo sem diploma. Essas midiatizações devem ser territórios centrais para pensarmos nossas culturas em lugares de origem e pertencimento da Vida na Terra. "Sempre existimos" (DENTRO DO SEUS OLHOS, 2022; MAIS FORTE, 2023) não só antes da colonização, mas principalmente porque nossas sabedorias ancestrais atravessaram o iluminismo predador que tenta nos envenenar com o antropoceno.

Se a expansão das cidades tem trazido benefícios comunicativos e midiatizadores relevantes para a sociedade ocidental - que só considera tecnologia e avanço o que é apta a nomear nos últimos 5 séculos - também é fato que a cultura do estupro e do consumismo desenfreado tem impactado em desequilíbrios ambientais que

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

aceleram a Queda do Céu: a 6ª Extinção em Massa. Se cidades são aldeias mortas, as aldeias que permanecem vivas têm evitado que a 'mesma' vida da cidade supostamente letrada destrua todas as 'outras' formas de vida, inclusive a dela mesma.

Ainda comunicamos que nossas culturas não podem ser resumidas a etnocentrismos egoístas e suicidas. Retomar esses imaginários e ancestralidades são desafios de novos começos, ressignificando meios, tentando adiar fim dos mundos, contando histórias que o livro que se diz didático nem tenta contar.

É sempre um processo, mesmo que nunca pareça. "Tupynambá de Abya Yala, muito Axé" (EXEMPLO, 2019).

Anais de Artigos
VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

Referências

ABYA YALA. 9 ago. 2023. 1 vídeo (83 min). Publicado pelo canal Museu das Culturas Indígenas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CjkF9Ycjqtc > Acesso 19 jun. 2024.

ATL 2023. **POVOS INDÍGENAS DECRETAM EMERGÊNCIA CLIMÁTICA.** 26 abr. 2023. Disponível em <https://apiboficial.org/files/2023/04/Carta-Povos-Indi%CC%81genas-decretam-Emergencia-Clima%CC%81tica-.docx.pdf> Acesso 19 jun. 2024.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**: Feminismos Plurais. SP: Jandaíra, 2019.

ALMEIDA, R. C. de; TORRE, A. E. M. G. de la. Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. **Comunicação & Educação**, *[S. l.]*, v. 25, n. 2, p. 94-103, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v25i2p94-103. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/163962. Acesso 19 jun. 2024.

ANCESTRAIS. [*S. l.*: s. n.]. 27 fev. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Ian Wapichana. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Itc7S6iS8Hw Acesso 19 jun. 2024.

ANDARILHA DO TEMPO. [*Pyndoretá*: s. n.]. 19 jan. 2024. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal ANABYA. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RzeeVw1LKEM > Acesso 19 jun. 2024.

ANTROPOCENO [Brasília, s.n.]. 30 ago. 2020. 1 vídeo: 19 min, Publicado pelo canal APIBOFICIAL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JGm97_Z3Pvk> . Acesso 19 jun. 2024.

BANIWA, Braulina; KAINGANG Joziléia; MANDULÃO, Giovana. **Mulheres: corpos-territórios indígenas em resistência!** Caderno dos Povos Indígenas COMIN. organização Kassiane Schwingel. – Porto Alegre : Fundação Luterana de Diaconia: Conselho de Missão entre Povos Indígenas, 2023.

BRIANEZI, Thais; VIANA, Claudemir Edson. Educomunicação, Bem Viver e Justiça Climática: Sinergias Potencializadoras de Outros Mundos Possíveis (E Necessários)**.** *In*: MELO, Daina K; LAGO, Cláudia. **Educomunicação e Outras Epistemologias.** SP: Paulus Editora, 2023, p. 102-116

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

CABEÇA DE NEGO. [*S. l.*, s. n.]. 4 abr. 2018. 1 vídeo: 3 min. Publicado pelo canal Karol Conká. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=CPvEAU8U-I8 Acesso 19 jun. 2024.

CARVAJAL, Julieta Paredes. **Para Descolonizar el Feminismo**: 1492 Entronque patriarcal y FeminismoComunitario de Abya Yala. La Paz: Ediciones FeminismoComunitário Abya Yala, 2020a.

CARVAJAL, Julieta Paredes. Uma Ruptura Epistemológica com o Feminismo Ocidental. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: Perspectivas Decoloniais. são paulo: Bazar do Tempo, 2020b. p. 195-204.

CONFLUÊNCIAS E ESCREVIVÊNCIAS. [*Rio de Janeiro*: s. n.] 15 out. 2023. 1 vídeo (100 min). Publicado pelo canal FLUP RJ. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=K2bG76vfwbQ&t=3460s> Acesso em 4 mai. 2024.

CONVOQUE SEU BUDA. [*S. l.*, s. n.]. 5 nov. 2014. 1 vídeo: 3 min. Publicado pelo canal Criolo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9_sNgjSsAQw > Acesso 19 jun. 2024.

DENTRO DOS SEUS OLHOS. [*S. l.*, s. n.]. 21 mar. 2024. 1 vídeo: 3 min. Publicado pelo canal Brisa Flow. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jotaMLT8S64 Acesso 19 jun. 2024.

DHARMA. [*S. l.*, s. n.]. 22 fev. 2021. 1 vídeo: 1 min. Publicado pelo canal wescritor. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6oH2BQDMJHA > Acesso 19 jun. 2024.

EPISTEMOLOGIA | O FUTURO É ANCESTRAL**.** [*S. l.:* s. n.]. 14 abr. 2022. 1 vídeo. 6 min. Publicado pelo canal GNT. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CxbYXOy0cIA&list=PLvvfh7mlR8VaegOuqry15FAqNwU1q0JRX&index=5>. Acesso em 4 mai. 2024.

E X U C I G A N O T U P I. [*S. l*: s. n.], 22 jan. 2024. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal wescritor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XB2bLknInHI . Acesso em 4 mai. 2024.

EXEMPLO. [*S. l*: s. n.], 30 nov. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal wescritor. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BcM19JGZmvo . Acesso 19 jun. 2024.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

FULKAXÓ, Denizia Kawany. **Kariri-Xocó**: *Worobü Nhinhoá (*Contos Indígenas) - Volume 4. SP: Sesc, 2023.

FURTADO, Lucianna; CORRÊA, Laura Guimarães. Mandume: O Rap como Movimento de Retomada e Construção da Memória Coletiva Negra. **Contemporanea: Comunicação e Cultura**, *[S. l.],* Salvador, v.16, n.1, p. 111–132**,** jan./abr, 2018. DOI: https://doi.org/10.9771/contemporanea.v16i1.25857**.** Acesso 19 jun. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. SP: Zahar, 2020.

GUERRAS DO BRASIL. [s. l., s. n.]. 30 mai. 2022. 1 vídeo: 131 min. Publicado pelo canal: NordestHI Concursos. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y1rx3_PEDqU > Acesso 19 jun. 2024.

HARARI, Yuval Noah. 21 Lições para o Século 21. SP: Cia das Letras, 2018.

hooks, bell. **Ensinando Comunidade:** Uma Pedagogia da Esperança. SP: Elefante, 2022.

hooks, bell. **Olhares Negros**: Raça e Representação. SP: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Pertencimento**: Uma Cultura do Lugar. SP: Elefante, 2022.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. SP: Ubu Editora, 2020.

INFORME LEGISLATIVO. Assessoria Jurídica da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. 15 mai. 2024. Disponível em < https://apiboficial.org/files/2024/05/INFORME_LEGISLATIVO_Projetos_Anti_indi%CC%81genas_e_Crise_Clima%CC%81tica.pdf > Acesso 19 jun. 2024.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **De Almas e Águas Kunhãs**. SP: Jandaíra, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **O Espírito da Floresta**. SP: Cia das Letras, 2023.

KRENAK, Ailton. **A Vida Não é Útil**. SP: Cia das Letras, 2019

KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. **Lugares de Origem.** SP: Jandaíra, 2022.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. SP: Cia das Letras, 2019

KRENAK, Ailton. **Ideias Para Adiar o Fim do Mundo**. SP: Cia das Letras, 2019

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

KRENAK, Ailton. **Um Rio, Um Pássaro**. SP: Cia das Letras, 2023.

LADRÃOZINHO. [S.l.; s. n.]. 2 mar. 2024. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Lucas Kariri. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3Z4skM_JUmk > Acesso 19 jun. 2024.

LAGO, C.; MARTINS, F.; NONATO, C. A alteridade na Educomunicação: estudos de gênero, interseccionalidade e performance. **Comunicação & Educação**, *[S. l.]*, v. 24, n. 2, p. 54-65, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p54-65. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165197 . Acesso em 4 mai. 2024.

MAIS FORTE. [Pyndorama; s. n.]. 22 abr. 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Azuruhu. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=qX07czgr9t0 Acesso 19 jun. 2024.

MIÈGE, Bernard. Para uma atualização da abordagem da mediatização das ações infocomunicacionais. *In*: FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula da; NETO, Antônio Fausto; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto. **Entre o que se diz e o que se pensa: Onde está a midiatização**? Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 39-62. Acesso 19 jun. 2024.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: ascensão dos dados e a morte da política. SP: Ubu, 2018;

MOVIMENTA. [*S. l*: s. n.], 15 fev. 2024. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Katu Mirim. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Dt43ixj9F30 . Acesso 19 jun. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **Guardião da Palavra**: Cadernos Selvagem. RJ: Dantes Editora, 2023.

NŸN, Juão. O Teatro como Contracolonização Tupy-Guarany Nhandewa. *In*: TERENA, Naine; DUARTE, Andreia (org.). **Teatro e os Povos Indígenas**: Janelas Abertas para a Possibilidade. São Paulo: n-1 Edições, 2023, p. 28-40.

NŸN, Juão. (SILVA, Joao Paulo Querino da). **Tywyra: Ymã Mba'e Wai Nhandewa Regwa Pindó Reta-Re** (Tybyra*: Uma Trajédia Indígena Brasileira*). Sao Paulo, *SP*: Selo doburro, 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural**: Uma perspectiva histórico-crítica. SP: Dandara Editora, 2021.

ORÍ. [*S. l.:* s. n.], Produção: Maria Beatriz Nascimento. 1989. 1 filme (100 min).

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

PASSARINHOS. [*S. l*: s. n.], 30 nov. 2020. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Emicida. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IJcmLHjjAJ4 . Acesso 19 jun. 2024.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara.** RJ: Grumin, 2019.

POTIGUARA, Eliane. **O Vento Espalha Minha Voz Originária**. RJ: Grumin, 2023.

QUEBRA NO KOTOBA. [S. l., s. n.]. 15 abr. 2021. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal 1andarstudio. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_NNQFhvNntQ > Acesso 19 jun. 2024.

RATIER, Rodrigo. Matrizes Socializadoras e Disposições de Habitus: Considerações sobre os jornalistas brasileiros. **Sociologia da Socialização**: Novos Aportes Teóricos. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho. São Paulo: FEUSP, 2018, pp. 139-59

RITUAL. [*S. l*: s. n.]. 10 dez. 2019. 1 vídeo (3 min.) Publicado pelo canal Souto MC. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oIKerlzOcHM > Acesso 19 jun. 2024.

SODRÉ, Muniz. A ruptura paradigmática da comunicação. MATRIZes, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 3, p. 19–27, 2023. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v17i3p19-27. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/217018.. Acesso 19 jun. 2024.

THAMANI, Manuela. **"Futuro se faz com História, e História com o Povo Dentro":** Movimentos Negros na Interface Comunicação e Educação. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de são paulo, 2020.

TRINDADE, Eneus. Entre Mediações e Mediatizações do Consumo: Uma perspectiva latino-americana. *In*: TRINDADE, Eneus; FERNANDES, Mário L.; LACERDA, Juciano C. (org.). **Entre Comunicações e Mediações: Visões Teóricas e Empíricas**. São Paulo: ECA USP, 2019, p. 57-74.

TUPINAMBÁ, Glicéria. Contra-Arquivos. In: Firmeza, Yuri (org.). Composto Escola: **Comunidades de Sabenças Vivas**. SP: N-1 Edições, 2022, p. 106-45

TUPINAMBÁ NA BAIXADA SANTISTA. [*S. l*: s. n.]. 17 out. 2022. 1 vídeo (3 min.) Publicado pelo canal wescritor. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qg7gd_gJ40o > Acesso 19 jun. 2024.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZes**, *[S. l.]*, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. DOI:

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 6 (2024)

10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928 . Acesso 19 jun. 2024.

XAKRIABÁ, Célia. Amansar o giz. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 14, p. 110-117, jul. 2020. Disponível em https://piseagrama.org/artigos/amansar-o-giz/ Acesso 19 jun. 2024.